História da vida privada

sob a direcção de Philippe Ariès
e de Georges Duby,
membro do Institut,
professor do Collège de Fran

Tradução portuguesa com revisão científica
de Armando Luis Carvalho Homem
professor da Faculdade de Letras
da Universidade do Porto

Círculo de Leitores
1989

e que é vantajoso não ter encargos de posteridade». Teriam as coisas mudado à medida que se aproxima o fim do século II da nossa era, quando se instala a moral estóica e cristã? O orador Frontão, mestre de Marco Aurélio, «perdeu cinco filhos» por mortalidade juvenil; deve ter tido bem mais; o próprio Marco Aurélio teve nove filhos e filhas. Três séculos depois, renascia a idade de ouro em que Cornélia, mãe dos Gracos e mulher exemplar, tinha dado à pátria doze crianças.

Educação

O recém-nascido, rapaz ou rapariga, mal vem ao mundo é confiado a uma ama: passou a época em que as próprias mães amamentavam. Mas a ama faz muito mais do que dar o seio: é-lhe confiada a educação dos rapazotes até à puberdade, bem como a um «pedagogo», também chamado «amo» (*nutritor, tropheus*), que estava encarregado das suas boas maneiras; o de Marco Aurélio ensinou-o a tomar conta de si próprio, a ser autónomo e a não se apaixonar pelas corridas do Circo. As crianças vivem com eles, com eles tomam as refeições, mas jantam com os pais e seus convivas na refeição da tarde, que tinha qualquer coisa de cerimonial. Ama e pedagogo serão sempre muito importantes; Marco Aurélio falará, com a piedade conveniente, do seu pai natural, do seu pai adoptivo e do seu «amo», enquanto que o imperador Cláudio guardará um ódio permanente ao seu pedagogo, que abusava do chicote. Quando uma filha casa a mãe e a ama vão juntas, na noite de núpcias, dar os últimos conselhos ao jovem esposo. Pedagogo, ama e irmão de leite são uma vice-família, livre de beneficiar de todas as indulgências e complacências e de ignorar a lei do mundo; para assassinar a mãe, Agripina, Nero terá por cúmplice o seu «amo»; quando foi abandonado por todos, encurralado até à morte pelos seus súbditos revoltados, a ama será a única a consolá-lo; será ela quem o amortalhará, depois do suicídio, com a ajuda da sua concubina Acté. E, no entanto, Nero tinha-se comportado asperamente em relação ao seu irmão de leite, por quem deveria também ter tido alguma piedade. Um dia um filósofo estóico fez um sermão sobre o amor da família; explicou que esse amor corresponde à Natureza, que é também a Razão, e que em consequência as crianças amavam a sua mãe, a sua ama e o seu pedagogo.

Sarcófago. O rapaz representa i brinca conduzindo um carro puxado por um animal do seu tamanho (Paris, Lou

Nas boas casas, a vice-família habita sadiamente no campo, longe das tentações, sob a direcção de uma parente idosa e severa. «A progenitura de uma casa era confiada às suas virtudes comprovadas e seguras. Ela regulava os estudos e deveres das crianças e também os seus jogos e distracções». César e Augusto foram educados assim; o futuro imperador Vespasiano «foi criado sob a direcção da sua avó paterna nas terras de Cosa», embora a mãe fosse ainda viva. De facto, uma avó paterna devia ser severa, enquanto que o papel da avó materna era de completa indulgência; a mesma distinção existia para os tios, cujos nomes eram, respectivamente, símbolos de severidade e de complacência.

Pinturas de um túmulo subterrâneo, século II da nossa era. Jogos de bola, criança que aprende a andar com uma andadeira ou *youpala* (Roma, Museu das Termas).

Um professor romano dá-nos outra indicação, a de que na realidade a educação podia ser diferente da auto-satisfação dos educadores; fala, é certo, com uma severidade particular, como exige a sua profissão (em Roma, os filósofos, e por vezes também os oradores, têm um lugar à parte na sociedade, um pouco como os padres entre nós). Segundo ele a criança, quando educada em casa de seus pais, apenas recebe, nesse ambiente, lições de «moleza»; as suas roupas são tão luxuosas como as dos adultos e, tal como estes, desloca-se em liteiras; os seus pais ficam extasiados com as mais descaradas expressões infantis; ouve, durante os jantares, os gracejos mais ousados, bem como canções brejeiras; vê que em casa há concubinas e favoritos. Ora nós veremos mais adiante que em Roma os espíritos estavam impregnados de uma doutrina de senso comum que condenava como pervertido e decadente o mundo tal como estava; considerava-se, porém, que a moralidade consistia mais em ter energia para resistir ao vício do que em amar a virtude ou tomar-lhe o hábito; a pedra angular do indivíduo era, assim, uma força de resistência. A educação tinha teoricamente por objectivo temperar o carácter enquanto era tempo, para que os indivíduos pudessem resistir, quando adultos, ao micróbio do luxo e da decadência que, por defeito desses tempos, existia em toda a parte; um pouco como nós quando estimulamos os adolescentes a fazer desporto porque sabemos bem que vão passar o resto da sua vida sentados num escritório. Ora, na prática, o contrário da moleza é a actividade, a *industria*, que fortifica os músculos do carácter, enquanto que a moleza os atrofia; Tácito fala-nos, por exemplo, de um senador saído «de uma

Sarcófago de criança
Uma criança brinca com o ar. (*trochus*). (Roma, Museus do Vaticano).

família plebeia, mas muito antiga e considerada; ele predispunha os outros a seu favor mais pela bondade do que pela energia e, contudo, o pai tinha-o educado severamente».

Só a severidade que aterroriza os apetites tentadores dará vigor ao carácter. Por isso, diz Séneca, «os pais forçam o carácter ainda flexível dos bebés a suportar o que lhes fará bem; bem podem chorar e debater-se que não deixarão de os enfaixar estreitamente com medo de que o seu corpo, ainda imaturo, se deforme em vez de crescer direito e, em seguida, de lhes inculcar a cultura liberal, recorrendo ao terror se a recusarem». Será papel do pai assumir essa severidade, da mãe advogar a causa da moleza; uma criança bem educada só dirige a palavra ao pai chamando-lhe «senhor» (*domine*). Os novos-ricos depressa imitaram este costume aristocrático. A distância entre pais e filhos era vertiginosa. O professor de retórica, que já citámos, perdeu um filho de dez anos, que adorava, e que o preferia, escreve ele, em relação às amas e ao avô que o educava; esse filho estava destinado à mais bela carreira de eloquência judicial (esse género de eloquência constituia então o lado brilhante, mundano e agitado da vida literária, como o teatro entre nós); os dons excepcionais da criança justificam o luto público do pai. Como se sabe, o pretenso instinto maternal ou paternal mistura casos individuais de amor de eleição (que não tem nem mais nem menos hipóteses de se produzir entre pai e filho do que entre dois indivíduos quaisquer, reunidos pelo acaso da existência) com os casos, sem dúvida mais numerosos, de sentimento paternal «induzido» pela moral reinante; esta ensina os pais a amar os filhos como continuadores do nome da família e da grandeza da linhagem. Sem enternecimentos vãos. Seria então legítimo chorar a ruína das esperanças familiares.

Adopção

O nosso professor tinha mais uma razão para chorar o seu filho bem amado: uma grande personagem, um cônsul, acabava de o adoptar, o que prometia à criança uma carreira pública ilustre. Com efeito, a frequência das adopções era um outro exemplo da falta de naturalismo da «família» romana. Visivelmente dava-se um filho em adopção como se dava uma filha em casamento, sobretudo se fosse um bom casamento. Há duas formas de se ter filhos: gerá-los em núpcias legítimas e adoptá-los; a adopção poderia ser um meio de impedir a extinção de uma linhagem, como podia ser também a forma de adquirir a qualidade de pai de família que a lei exigia dos candidatos às honras públicas e aos governos de província: o que se consegue com o casamento consegue-se igualmente com a adopção. Da mesma forma que um testador fazia seu continuador aquele a quem constituia como herdeiro, assim também, adoptando um jovem bem escolhido, se elegia um sucessor digno de si. O futuro imperador Galba está viúvo e os seus dois filhos morreram; tinha notado, já há bastante tempo, os méritos de um jovem nobre chamado Pisão: redige o testamento em que o constitui como

Sarcófago de criança, século II. Enquanto as raparigas atiram a bola contra um muro, os rapazes fazem escorregar uma noz sobre um plano inclinado para demolir um castelo de nozes (Paris, Louvre).

Relevo funerário, século II. Raparigas jogando à patela (Óstia, Museu Arqueológico).

patela - disco de ferro usado no jogo da malha.

herdeiro e depois acabará por adoptá-*lo*. Era também possível, como fez Herodes Ático, adoptar mesmo tendo filhos vivos. Os textos históricos falam da existência de uma adopção por testamento, apesar de não haver vestígios disso em textos jurídicos. O caso mais notável de herança combinada com adopção é o de um certo Octávio que, tendo-se tornado filho e herdeiro de César, será por isso, um dia, o imperador Octávio Augusto. Outras vezes a adopção era, como os casamentos, um meio de regular o movimento dos patrimónios; um sogro que aprecie num genro a deferência que este lhe demonstra adopta-o quando este fica órfão e obtém uma herança: eis então o sogro tornado senhor dessa herança dado que pôs o seu genro sob o seu poder, a título de filho. Em troca, dará a esse filho adoptivo uma grande carreira no Senado: a adopção regula também as carreiras.

Estas crianças que são deslocadas como se fossem peões no xadrez da riqueza e do poder não são pequenos seres que se amimam e acarinham; tais cuidados são deixados à domesticidade. A criança aprendeu

a falar pela boca da sua ama; nas boas casas a ama era uma grega, para que a criança aprendesse, desde o berço, esta língua da cultura. O pedagogo está encarregado de a ensinar a ler.

Escola

Seria a alfabetização um privilégio da classe elevada? Três certezas decorrem dos papiros do Egipto: havia iletrados que escreviam pela mão de outros; havia pessoas do povo que sabiam escrever; existiam textos literários, clássicos, nos mais modestos bairros (eis aqui a «cultura» de que o mundo antigo era tão orgulhoso). Os livros dos poetas em voga chegam rapidamente ao fim do mundo: a Lyon. Mas, para além disto, há *nuances* (os historiadores do nosso Antigo Regime sabem-no bem). Num romance um antigo escravo orgulha-se de saber ler as maiúsculas; não podia, portanto, compreender a letra cursiva dos livros, dos papéis privados, dos documentos; mas podia decifrar os letreiros das lojas ou dos templos e os avisos relativos às eleições, aos espectáculos, aos alugueres de casas ou às vendas em hasta pública, sem esquecer os epitáfios. Por outro lado, se os preceptores privados só eram acessíveis às famílias muto ricas, havia, «nas cidades e nos burgos», diz Ulpiano, «professores que ensinam os rudimentos da escrita»; a escola é uma instituição reconhecida, o calendário religioso decidia das férias escolares e a manhã era reservada aos estudos. Descobrimos uma montanha de documentos escritos pela mão de gente simples: contas de artesãos, cartas ingénuas, grafitos murais, tábuas de feitiços... Só que escrever para si próprio é uma coisa, saber escrever para alguém superior é outra: para isso é preciso conhecer o bom estilo e antes de mais a ortografia (que os grafitos ignoram). De facto, para redigir um documento público, uma petição ou mesmo um simples contrato as pessoas que sabiam ler e escrever, em sentido literal, sentiam-se então «iletradas» e dirigiam-se a um escrivão público (*notarius*). Uma parte mais ou menos importante das crianças romanas ia à escola até aos doze anos, as raparigas não em menor número do que os rapazes (assim o confirma o médico Sorano); melhor ainda, as escolas eram mistas.

Aos doze anos os destinos dos rapazes e das raparigas separam-se, assim como os dos pobres e dos ricos. Apenas os rapazes das famílias abastadas continuam a estudar: sob a batuta de um «gramático» ou professor de literatura estudam os autores clássicos e a mitologia (na qual ninguém acreditava, mas que permitia identificar as pessoas cultas); excepcionalmente algumas raparigas eram favorecidas pelos pais com um preceptor que lhes ensinava os clássicos. É preciso dizer que aos doze anos uma rapariga está na idade núbil, que algumas eram dadas a um marido a partir dessa idade e que o casamento era consumado; de qualquer forma, aos catorze anos a rapariga é adulta: «Os homens chamam-lhes então "senhora" (*domina, kyria*) e, vendo que nada mais lhes resta senão partilhar o leito de um homem, elas come-

çam a embelezar-se e não têm qualquer outra perspectiva»; o filósofo que escreveu estas linhas conclui que «mais valia fazer-lhes sentir que nada as tornaria mais estimadas do que mostrarem-se púdicas e reservadas». Nas boas famílias as raparigas ocupam-se da roca de fiar, qual prisão sem grades, para demonstrar que não passam o tempo a fazer coisas reprováveis. Se uma mulher adquire uma cultura ornamental, se sabe cantar, dançar e tocar um instrumento (canto, música e dança andavam juntas), os seus talentos serão louvados e apreciados, mas as pessoas apressar-se-ão a acrescentar que ela não é, por isso, uma mulher menos honesta. Finalmente, é o marido que fará eventualmente a educação de uma mulher muito jovem de boa família. Um amigo de Plínio tinha uma esposa a quem louvavam o talento epistolar: ou o marido é o verdadeiro autor dessas cartas ou então soube formar o bonito talento «dessa jovem que desposou virgem»; e por conseguinte esse talento é, da mesma forma, um mérito seu. Em contrapartida a mãe de Séneca viu-se proibida de estudar filosofia pelo marido, que via nisso o caminho para uma vida desavergonhada.

Durante esse tempo os rapazes estudam. Para se tornarem bons cidadãos? Para aprenderem a sua futura profissão? Para adquirirem os meios de compreender qualquer coisa no mundo em que vivem? Não, apenas para ornarem o espírito, para se cultivarem nas belas-letras. É um equívoco estranho acreditar que a instituição escolar se explica, ao longo dos séculos, por uma função, a de formar o homem ou, pelo contrário, de o adaptar à sociedade; em Roma não se ensinavam

Outro detalhe do sarcófago da página 22: em traje de festa, o filho declama um exercício de retórica perante o pai (e não perante o seu mestre). Os seus dedos fazem um dos gestos da eloquência, que eram codificados e ensinados. O livro na mão esquerda não é um detalhe real, mas um símbolo de cultura e portanto de dignidade social. A cultura não era um mero adorno em que um professor moderno se revisse complacentemente, mas o sinal distintivo da superioridade social.

Jovem príncipe, procissão do ala da Paz de Augusto, 9 a.C.. O seu tio-avô, o imperador, abre o cort O jovem evita olhar à altura d pessoas grandes e parece aus Não importa: o que conta é pertencer a essa família reinant cuja intimidade se tornou públi como o prova esta imagem tão familiar quanto oficial. As fei do rapazinho estão pouco ind vidualizadas: ele é caracterizado pela sua juventude, não tem aind a idade institucional para ser el próprio (Paris, Louvre).

matérias formadoras nem utilitárias, mas antes matérias prestigiosas e, acima de tudo, a retórica. Ao longo da história, só excepcionalmente a educação preparará a criança para a vida e será uma imagem da sociedade em ponto pequeno ou em gérmen; frequentemente, a história da educação é a das ideias existentes sobre a infância e não se explica pela sua função social. Em Roma ornamentava-se a alma dos rapazes com retórica, da mesma forma que, no século passado, se vestiam os rapazinhos de marinheiros ou de militares; mascara-se a infância para a embelezar e a fazer encarnar uma visão ideal da humanidade.

Deixámos de lado a educação na parte grega do Império, diferente a vários títulos. Aqui é preciso acreditar em Nilsson; enquanto a escola romana é um produto de importação e, como tal, fica separada da rua, da actividade política e religiosa, a escola grega fazia parte da vida pública. Tinha por quadro a palestra e o ginásio, sendo este uma segunda praça pública onde todos podiam ir e onde não se fazia só ginástica. Também se praticava desporto, que na educação grega ocupava metade do tempo, ao contrário da educação romana. Mesmo as matérias literárias (língua materna, Homero, retórica, um pouco de filosofia e muita música, ainda no tempo do Império) eram ensinadas num canto do ginásio ou da palestra. A este ensino, que durava até aos dezasseis anos, sucediam-se, sem interrupção, um ou dois anos no colégio dos efebos, cujo programa era o mesmo (1)*.

Para além do carácter público da música e da ginástica havia uma outra diferença. Nenhum romano de bom nascimento se podia dizer cultivado se um preceptor lhe não tivesse ensinado a língua e a literatura gregas, enquanto que os gregos mais cultivados desdenhavam a aprendizagem do latim e ignoravam, soberbamente, Cícero e Virgílio (com algumas excepções individuais, como o funcionário Apiano). Os intelectuais gregos, como os italianos do século XVI, iam vender os seus talentos ao estrangeiro, exercendo, naturalmente, o seu saber médico ou filosófico em grego, a língua dessas ciências; em Roma aprendiam, com a prática, a falar um mau latim. No fim da Antiguidade, os gregos só aprenderão metodicamente o latim para fazer carreira de juristas na administração imperial.

Adolescência

Aos doze anos a criança romana de boas famílias deixa o ensino elementar; aos catorze larga as suas vestes de criança e tem o direito de fazer o que todo o jovem gosta de fazer; aos dezasseis ou dezassete pode optar pela carreira pública, entrar no exército, tal como Stendhal escolhia aos dezasseis anos tornar-se hussardo. Não existe «maioridade» legal nem idade para essa maioridade; não se conhecem menores, mas simplesmente impúberes, que deixam de o ser quando o pai

* As notas estão agrupadas no final desta parte do livro.